

# **A EXUBERANTE AMAZÔNIA:** Judeus e caboclos na obra literária de Leão Pacífico Esaguy

Filipe Amaral Rocha de Menezes  
Universidade Federal de Minas Gerais

A Deus, que abeberou o meu espírito de tanta sede de beleza e harmonia, que como cibo da minha mente me deu o pasto imenso da majestosa mataria amazônica e que embalou toda a minha estrutura sentimental, desde a minha infância, ao cantochão melodioso e grave das águas cantantes dos igarapés, que formou minha personalidade sob o influxo da majestática grandeza do ambiente dela, que me fez um homem simplório, despretenhioso e sentimental, a Deus graças.

Leão Pacífico Esaguy, em *Contos Amazonenses*.

A grandeza e a beleza da selva amazônica são atribuídas, pelo narrador, como partes integrantes de sua formação sentimental e de caráter, como essa epígrafe demonstra, retirada de *Contos Amazonenses*.<sup>1</sup> Esse é um dos muitos exemplos nos quais o autor amazonense Leão Pacífico Esaguy apresenta em sua obra toda a exuberância da Amazônia, e como ele se compraz e se coloca como devedor dessa imensidão. Por meio de contos, romances e poemas, o autor reproduz histórias em que personagens judeus e caboclos interagem com a selva, trazendo à tona diversos

---

1 Esaguy 1981.

elementos da mescla cultural que se deu no Brasil e, em especial, na Amazônia. Neste curto ensaio, pretende-se passar por um panorama da obra de Esaguy, que, embora não extensa, representa um registro da experiência judaica na Amazônia.

Leão Pacífico Esaguy nasceu em Itacoatiara, uma pequena cidade no interior no Amazonas, em 1918, filho de judeus provenientes do Norte da África, como muitos outros imigrantes que procuraram a selva como refúgio; e lá, em seus povoados e igarapés, se dedicaram à venda e à troca de castanhas, peles e pedras preciosas.<sup>2</sup> Esaguy, que teve suas primeiras instruções em Portugal, presenciou o declínio da presença judaica na região, porém preserva suas origens nos nomes de seus filhos e em seus textos literários.<sup>3</sup> Segundo Henrique Veltman, em *Hebraicos da Amazônia*, o último judeu deixou Itacoatiara em 1980.<sup>4</sup> Esse homem, apelidado de Chunito, em entrevista, lembra dos tempos em que havia *minyamin* na casa de sua prima Ester Esague e, também, dos grandes homens da família Peres, importantes comerciantes e políticos da época áurea em que a presença dos judeus ainda era marcante na cidade.

A imigração e o povoamento da região amazônica por grupos de judeus se deu em duas levas: uma primeira logo após a promulgação da Constituição de 1824, por Pedro I, que conferia direitos a todos os credos, e uma segunda e mais importante leva durante o início do período de ouro da extração da Borracha. Segundo o historiador Reginaldo Jonas Heller, no artigo “Os Judeus do Eldorado”,<sup>5</sup> o primeiro grupo tinha duas características especiais: foi constituído por judeus marroquinos, de identidade sefardi, especificamente portuguesa. Suas distantes origens se davam das ilhas dos Açores, Gibraltar e Portugal, tendo, entretanto, seus locais de nascimento o Marrocos, em Tânger ou Tetuan. Sua identidade com o passado português mantinha-se, inclusive com o idioma. Esse grupo sofreu com uma dura crise no então Marrocos francês, tendo fugido para o Brasil em busca de melhores oportunidades e liberdade religiosa. Foram os fundadores das primeiras sinagogas e cemitérios da região norte do Brasil, e a maioria aculturou-se e se assimilou.

---

2 Veltman 2005, 58.

3 Igel 1997, 160.

4 Veltman 2005, 57.

5 Heller 2005, 225-226.

Já a segunda leva tinha, adicionalmente, uma motivação pelo crescimento e riquezas gerados pela borracha. Vinham normalmente os homens sozinhos, muitas vezes já por intermédio de algum amigo ou parente. Logo estabelecidos, mandavam trazer as esposas, ou futuras esposas, os filhos, irmãos e amigos para ajudar nos negócios, algumas vezes os pais. Um dado muito importante, registrado por Heller, é sobre a ambientação desses imigrantes, que mudavam suas roupas e nomes para facilitar a integração com a população residente:

Não foram raros os casos de encantamento do imigrante pela sensualidade cabocla, e o resultado foram famílias mistas de judeus que adentravam pelos seringais e afluentes do Amazonas, Madeira, Xingu, Tocantins, negociando péla de borracha, castanha e outros produtos da floresta. Casaram ou se amasiaram com índias e caboclas locais, e, em alguns casos, mantinham duas famílias, uma na cidade grande, e a outra, a cabocla, no sertão. Seus descendentes ainda podem ser encontrados por toda a região, mantendo traços da herança judaica, embora com perda completa, ou quase completa, da identidade judaica.<sup>6</sup>

Em meio a esse ambiente de trocas culturais entre os imigrantes judeus marroquinos e a população cabocla, com a sua religiosidade sincrética, seus mitos e lendas, Leão Pacífico Esaguy desenvolve sua obra literária. Esaguy é um apaixonado pela exuberante selva amazônica e sua cultura cabocla. Em todos os livros, há passagens em que essa paixão é vista. Em *Contos Amazonenses*, nos dois contos que compõem o livro, bem como em outras obras, como *O Aleijadinho*<sup>7</sup> ou *Enxuga as Lágrimas e Segue o Caminho que te Determinaste*,<sup>8</sup> o pano de fundo das histórias é sempre a beleza exuberante e a grandiosidade da mata Amazônica. A variedade dos animais e seus comportamentos são elementos que povoam o universo ficcional do autor, além das tramas em que suas personagens, caboclos, ribeirinhos e caçadores, enfrentam onças “atrevidas e sanhudas”, como o narrador as define.

O conto “Satã, o Felino Maldito” tem como personagem uma onça, descrita com um tamanho excessivamente grande, que virara um monstro ainda mais selvagem e feroz após ter sido atingida por uma bala que ficara alojada em

---

6 Heller 2005, 230.

7 Esaguy 1982.

8 Esaguy 1999.

sua cabeça. O narrador-personagem é um caçador destemido, porém, homem da cidade, culto, um herói que se dispõe a enfrentar a fera, mais por prazer à caça do que em favor do povo do vilarejo amedrontado. Esse conto é um relato de caçada, entremeado por reflexões sobre a mata, os animais da selva e o homem.

Na introdução ao livro, o autor afirma que qualquer semelhança com pessoas e nomes reais é pura coincidência, mas é possível perceber que os dados biográficos se entretecem na ficção. O caçador e a memorável caçada de Satã seriam, portanto, narrativas ficcionalizadas de experiências vividas pelo próprio escritor. Em alguns momentos, o narrador relembra a “herança” deixada pelo pai, o espírito de aventura e a independência moral e psicológica. Nas primeiras páginas, lembra-se de quando se deparou, pela primeira vez, com a mata, após ter sido criado até aos 15 anos em Lisboa. Segundo ele, “o gigantismo da natureza evocou em meu espírito e mente a alucinação dos tempos heroicos dos desbravadores do Brasil”.<sup>9</sup> Há, também, uma passagem onde uma personagem se refere ao narrador como “compadre Leão,”<sup>10</sup> atestando, assim, o entretecer da ficção com a realidade.

A exuberância da mata e a beleza da onça são constantemente descritas pelo narrador. Ele afirma que, ao contar sua história, irá também descrever minuciosamente “os quadros gigantescos e admiráveis que a natureza”<sup>11</sup> teria lhe apresentado. O homem culto da cidade grande que reafirma sua herança ancestral também é o que se embrenha pela mata como um caboclo, apaixonado por caçadas e pelo cenário selvagem amazônico. Ele se considera um bom caçador, cujos segredos da arte de caçar ele devia aos caçadores das redondezas, no entanto, confessa que não havia conseguido aprender como se orientar na mata. Daniel, o companheiro de caçadas da personagem-narrador, destaca-se do típico amazonense: “alto, magro, branco de olhos azuis e de uma força muscular extraordinária”, de beleza notável, não se parece em nada com os caboclos de pele cor-de-jambo.

Durante a caçada, a dupla releva muito da arte da caçada em terras amazônicas, e o narrador se mostra como um caboclo da terra. Além do

---

9 Esaguy 1981, 14.

10 Esaguy 1981, 24.

11 Esaguy 1981, 14.

conhecimento sobre a selva e seus costumes, outros comportamentos caboclos são descritos: comer carne-seca com farinha, dormir em redes, tomar talagadas de cachaça, reconhecer os rastros e trilhas dos animais pela mata, banhar-se nos igarapés. O compadre Leão, nesse mundo tão particular, é um homem aculturado à selva e seus costumes, mesmo sem deixar de ser o bancário de férias, de família judia e educação europeia. A condição judaica da personagem emerge em meio à caçada, por meio de xingamentos como “judeu desgraçado”. Entretanto, quando num momento de tensão da caçada à onça, a evocação hebraica da “Shemá Israel” é pronunciada pela personagem em português, “expõe um apelo que seria natural, diante de um perigo de vida, para um judeu tradicionalmente religioso”, que indicaria como resultado de reflexos acumulados por gerações de um judaísmo latente em meio à aculturação, segundo Regina Igel.<sup>12</sup> Assim, o texto de Esaguy expõe o debate da aculturação e assimilação, dois processos pelos quais os imigrantes judeus marroquinos e seus descendentes passam entre os rios e as florestas da Amazônia.

A presença judaica na Amazônia, como registra Esaguy em toda a sua obra, é nítida e clara, resultaria em milhares de descendentes, como lembra Israel Blajberg: “basta andar pela cidade, ler as placas das lojas, as manchetes dos jornais. Bemol, Benzecry, nomes que soam familiares, e que sem dúvida estão incorporados ao linguajar amazonense”.<sup>13</sup> Os judeus foram subindo os rios, principalmente o Amazonas, chegando até à cidade de Iquitos, no Peru, “levando junto a sua religiosidade, muito contribuíram para o progresso da Amazônia, primeiro como comerciantes e empreendedores, e mais tarde como profissionais liberais, empresários, militares”.<sup>14</sup> Blajberg comenta sobre a paixão de muitos descendentes ao Boi Caprichoso, grupo folclórico que organiza uma festa no mesmo estilo do carnaval, com desfile de carros alegóricos, uma vez que as cores da agremiação seriam o azul claro e branco, numa possível coincidência com as cores de Israel. É nesse plano de trocas, coincidências, intercâmbios, que os processos de assimilação e aculturação se realizariam.

---

12 Igel 1997, 161.

13 Blajberg 2015, 29.

14 Blajberg 2015, 30.

Regina Igel afirma que a *aculturação* dá-se como resultado de um processo de “aquisição e troca” de elementos culturais recíprocos, “preservando-se as personalidades próprias, embora modificadas, de cada uma das partes envolvidas”, de forma relativamente harmoniosa e reciprocamente tolerável, em detrimento ao caso da *assimilação*, em que “a sociedade dominante tende a dissolver o legado cultural de um povo, substituindo os traços definidores daqueles por seus próprios elementos tipificadores”.<sup>15</sup> A experiência judaica da reclusão em guetos, por exemplo, impediria muito destas trocas, porém, num contexto como na imensidão amazônica, em isolamento e solidão, longe do núcleo familiar e religioso, em meio a longas distâncias percorridas nos rios, os judeus estavam imersos na cultura cabocla, sendo forçosamente impelidos às trocas, numa questão de sobrevivência. Em análise ao primeiro livro de Esaguy, Igel afirma que estão ao mesmo tempo camuflados e descobertos elementos dessas trocas e aquisições, que “caracterizam o intercâmbio acultrador pelo qual pode passar uma pessoa ou um grupo”.<sup>16</sup> Assim, da mesma forma, são encontrados diversos traços, tanto da tradição judaica quanto da cultura cabocla, em constante fricção e acomodação, tanto no primeiro texto de Esaguy como nos seguintes, em diferentes níveis, entretanto com a presença constante de personagens de origem judaica, com destaque para a figura do regatão.<sup>17</sup>

Em seu segundo livro, *O Aleijadinho*, de 1982, Esaguy apresenta-o como um “romance na Amazônia”. A personagem principal é um menino chamado Francisco, apelidado de Aleijadinho, por ser deficiente físico de nascença. O romance acompanha a vida desse menino até sua idade adulta, e remarca o seu amadurecimento intelectual, em detrimento de suas limitações físicas. A pobreza da família que recebe em seu seio uma criança deficiente é amenizada, de certa forma, pela abundância da floresta:

---

15 Igel 1997, 130.

16 Igel 1997, 162.

17 Regatão é o tão antigo vendedor ambulante, no contexto amazônico, como na definição: “o aviador que comercia utilizando uma embarcação. Ele se apresenta em duas modalidades: 1.º) aquele que trabalha por conta própria e 2.º) aquele que está subordinado a um outro regatão maior ou a uma grande casa aviadora de Manaus. Os da segunda categoria, em geral, inflacionam os preços dos produtos entregues como aviamento, porque estão, por sua vez, subordinados aos comerciantes citadinos. De qualquer forma, porém, os regatões poderão ser considerados ‘os veículos da civilização’. Novidades em plástico, esmalte de unha, fazendas, latarias e objetos variados são levados aos habitantes do interior dessa área por esses comerciantes do rio. O regatão, em que se afirme sua figura como ‘explorador’, derivada de sua posição de intermediário de intermediários na cadeia centro urbano-alto rio, atua, por outro lado, como vendedor ou ‘marreteiro’ da cultura urbana” (Oliveira 1979, 141).

Dona Jacira plantava a sua roça, e as bananeiras cresciam opulentas de cachos, que ela, vez ou outra, vendia aos passantes, fossem eles caçadores ou visitantes, que se apraziam e deleitavam tomando banho nas águas tranquilas e cristalinas dos igarapés que alinhavam irregularmente a face da vetusta mataria e se perdiam, quiçá, pelos meandros das vizinhanças fronteiriças. Da mata virgem ela tirava os frutos, alimento natural que serviu muitas vezes para complementar a insuficiência de um jantar parcimonioso ao extremo.<sup>18</sup>

A floresta nesse início do romance é a provedora, rica fonte de alimentos, de peixes, frutas, castanhas, que de certa forma alivia a constante fome, uma vez que, conforme o narrador lembra: “tudo era restrito, medido. Desmedida era somente a fome e o apetite”. As tapiocas com café e as bananas-pacovão, cozidas ou fritas, são as principais refeições dos caboclos que compõem a história do aleijão Francisco. O infeliz rapaz que luta por uma vida digna, por diversas vezes, ao se recolher para refletir, é na mata que encontra o seu repouso, mas também, nesse mesmo espaço, a imaginação prega-lhe peças:

Se olhava para a água, corrente, mas brilhante, luzidia, do igarapé, Margarida surgia-lhe como se fora uma sereia . . . Se olhava para o fundo da mata, para fugir aos pensamentos que o atormentavam e lhe impediam de estudar, lá vinha ela, garrida, risonha, cabelos ao vento, pererecando por sobre os troncos de árvores caídas e galhos secos, a aproximar-se, veloz, dele. Se desviava a vista para não ver a imagem e pousava os olhos no coruto de uma árvore, por meio da galharia da qual o sol passava os seus espremidos estiletos de luz, os olhos buliçosos e brejeiros, os cabelos doirados ao lampejo da luz, a fazer gracinhas, lá estava aquela visão deliciosa, mas atormentadora.<sup>19</sup>

É no meio da mata que habitam as mais misteriosas personagens, como a ‘vó Ziloca, “mistério para todo mundo”, que vivia “numa cabana lá no centro da mata, longe, onde o diabo perdeu o cachimbo, no dizer plebeu”. Velha macumbeira, oráculo, curandeira, Ziloca “tinha remédios para todas as doenças, todos os males e todas as mazelas, fossem do espírito ou do corpo”; a bruxa explica ao jovem Francisco que “os espíritos da mata contam tudo para ela. Ela não precisa de espias”.

A floresta, seus elementos e fenômenos e seu povo caboclo são tema dos diversos contos, pequenos ensaios e poemas de *Nas Noites Indormidas e na Solidão...*,<sup>20</sup>

---

18 Esaguy 1982, 27-28.

19 Esaguy 1982, 58.

20 Esaguy 1995.

de 1995, e *Contos, lendas, narrativas*,<sup>21</sup> texto sem data. Em meio a poemas e contos, surge o poema em prosa “O Nascer do Sol no Amazonas”. Passo a passo, como num camarote com bela vista, o nascer do Sol é descrito em sua “variada policromia”, quando o “Sol aparece de todo, rutilante, afogueado, vermelho – a água toda se incendia, reverberando estilhas de luz numa oscilação contínua e ofuscante como a polilha de uma fornalha que se incendiasse”.<sup>22</sup>

O igarapé é também minuciosamente detalhado. Como em diversos outros momentos na obra de Esaguy, o discurso direto ao leitor sugere sobre a “felicidade de ver e sentir de perto o que é um igarapé dos velhos sertões amazônicos”.<sup>23</sup> “Esses filetes de prata que afocinham por entre os húmus da terra, dias e dias, noites e noites, incansável, corre, penetra, avança, afocinha, desvia, estica, encolhe, esparrama, engrossa diante de obstáculos mais fortes, até derramar do outro lado.”<sup>24</sup>

Nesse palco, os habitantes da floresta de Esaguy atuam: Manduca, um pobre diabo que vivia sozinho numa choupana, possuindo apenas uma velha espingarda e um facão embotado; a história de Hermes e a traição de seu irmão Damião; o menino pastor Moisés e o touro Malhado, que viram santos após a morte; Chico Vicente, antigo regatão, descendente direto de tribos guerreiras, que havia sido trazido à civilização por um “mercador judeu daqueles que infestavam, ao tempo, aquelas plagas, no trabalho mais desgraçado que já vi: o regatão”.<sup>25</sup> São histórias em que as personagens caboclas se relacionam com a sua região; entretanto, algumas personagens de origem judaica surgem, como o imigrante que um dia aparece apregoando suas prendas.

Essas personagens caboclas e suas lendas, criadas na solidão da selva, compõem as histórias, de “mistério real, envolvente, contado e recontado pelo caboclo”, das páginas de *Contos, Lendas, Narrativas*. Esaguy registra em suas páginas até mesmo recentes fenômenos sociológicos, como as missões cristãs evangélicas que, a partir de meados do século XX, chegaram à região amazônica, no intuito de pregar a fé protestante entre os índios e os caboclos. No conto “Jerônimo, o Preto Velho”, o velho e experiente caçador Jerônimo se converte, deixando de fumar e

---

21 Esaguy [s.d].

22 Esaguy 1995, 75-76.

23 Esaguy 1995, 71.

24 Esaguy 1995, 71.

25 Esaguy 1995, 23.

beber: antigos e arraigados hábitos. Embrenhando pelas matas atrás de caça, deixa de lado os cuidados que todo supersticioso caboclo se importa, uma vez que, em suas palavras, “o pastor dos crentes disse que quem anda com o Cristo não topa com assombração”. Obviamente, numa situação como essa, era de se esperar que o caçador se encontre com nada menos que o Matinta Pereira, monstro mitológico que teria poderes de infligir dores e doenças nas pessoas que não fornecessem o fumo forte que tanto lhe apraz.

O desrespeito às antigas tradições também causa problemas a outra personagem. O regatão judeu Isaac Benchaia, incomodado com uma dívida não paga, de uma boa negociação, sela sua mula e vai em busca do devedor, mas “o seu coração judeu parecia bacorejar-lhe alguma surpresa funesta”. Inquieto com o problema da dívida, o homem entra e sai da casa, “não fora a advertência da mulher, teria cometido o pecado de fumar naquela sexta-feira”. Entretanto, não obstante as instâncias da mulher, segue atrás do Turco. O narrador, então, alerta para os outros perigos da mata, não mais as onças pintadas ou as assombrações do além, mas o próprio homem de carne e osso: “manumissos que perambulavam pelos caminhos e atalhos, assaltando e matando os caminhantes por ódio e por vingança dos maus tratos que sofreram sob o jugo dos brancos. Havia também nordestinos escorraçados dos seringais por crimes, bebedeiras e desordens”.<sup>26</sup> Aqui, nesta selva, o homem passa a ser o caçador e a caça.

Vítimas da violência recente, ex-escravos libertos representavam perigo pelos caminhos, e, sem outros meios de sustento, se dedicavam a assaltos e serviços de matador de aluguel. Benchaia, como era de se esperar, é surpreendido por um grito: “A bolsa ou a vida!”, e não obtendo a resposta desejada, o assaltante replica: “Quero o bernal e a mula!” Do que carregava consigo, nada havia de mais valor que a mula, mas esta, “nunca! Não iria ficar perdido no meio da mata, ao Deus dará”. Muito representava a mula: além da estima pelo animal, representava a segurança em meio da mata. O infortúnio previsto por sua esposa acaba por concretiza-se quando Benchaia, ao titubear em entregar seus bens ao bandido, é atacado pelo homem e, num reflexo, consegue desferir um tiro entre os olhos do marginal, matando-o.

---

26 Esaguy [s.d], 15.

Por fim, o último livro de Esaguy, *Enxuga as Lágrimas e Segue o Caminho que te Determinaste*,<sup>27</sup> é um romance familiar que conta história de Jacob Benathar e seu filho Rafael. Publicado em 1999, este livro homenageia um homem da cidade de Itacoatiara, Rubem José Esaguy, o Chunito, já mencionado anteriormente. Assim como as duas personagens principais desse outro “romance na Amazônia” e como os demais judeus que surgem em seus textos, Chunito era comerciante e, sobretudo, um apaixonado pela vida e pela cultura amazônica cabocla.

Por fim, é importante ressaltar a presença de uma literatura judaica na Amazônia na qual Esaguy se inscreve. Autores como Paulo Jacob, Marcos Serruya e Sultana Levy Rosenblatt construíram seus textos sob a mesma fricção entre a cultura cabocla do Amazonas e o aporte cultural sefardita-marroquino, elaborando suas personagens como antagônicas aos tipos caricaturais comuns à cultura cristã local, já instalada, imbricada de um antissemitismo antigo e estrutural. Em paralelo aos valentes e destemidos regatões e caçadores de Esaguy, esses outros autores destacam diversos aspectos positivos resultantes da influência judaica na região: Paulo Jacob procura desenhar um perfil que ultrapassa o estereótipo do regatão inescrupuloso, feroz comerciante que se aproveitaria dos caboclos em seus negócios, assim como Sultana Rosenblatt, que procurou tratar do judeu não religioso, mas pertencente à comunidade judaica, e Marros Serruya, que constrói uma literatura outra, fundada sobre a história dos judeus em geral, não somente no contexto amazônico.<sup>28</sup> Segundo Alessandra Silva, nos três autores, bem como analogamente a Esaguy, este trabalho de tessitura literária elaborado por estes brasileiros de origem judaico-sefardita enriquece os estudos da antropologia e da sociologia por oferecer uma visão individual e coletiva da adaptação, resistência, acomodação e conciliação dos judeus nesse ambiente cultural amazônico, como registros de uma experiência humana singular.<sup>29</sup>

A obra de Esaguy, tendo como pano de fundo a magnífica floresta amazônica e sua cultura cabocla, ainda agrega o elemento judaico como um enriquecimento à cultura da região e do Brasil. Os textos, de certa maneira, conduzem para o

---

27 Esaguy 1999.

28 Silva 2019.

29 Silva 2019.

resgate e manutenção desse elemento cultural, cada vez menos presente e já bastante assimilado; entretanto, é constante a manifestação de que, embora esse elemento fosse exterior, ele passa a integrar-se e amalgamar-se no cadinho cultural amazônico, não deixando de ser assim mais um fator de agregação. Sua ideia principal sobre o elemento judaico diante da cultura amazônica é expressado no último parágrafo de seu livro:

Os judeus que desbravaram as selvas amazônicas e que ali permaneciam até morrer, seduzidos e encantados pela beleza imensa dos lugares, eram assim. Sabiam amar... eram mais patriotas que os próprios nativos. Davam filhos, netos e bisnetos e acabavam colonizando o lugarejo. Era comum, muito comum mesmo, verem-se caboclos com nomes judeus e com traços de judeus. E deles, havia até os que praticavam a religião hebraica. Os judeus sabiam amar a terra e as criaturas.<sup>30</sup>

---

30 Esaguy 1999, 240.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras de Leão Pacífico Esaguy

- Esaguy, Leão Pacífico. [s.d.]. *Contos, Lendas, Narrativas*. São Paulo: edição de autor.
- . 1981. *Contos Amazonenses*. São Paulo: edição de autor.
- . 1982. *O Alejadinbo*. São Paulo: edição de autor.
- . 1995. *Nas Noites Indormidas e na Solidão...* Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.
- . 1999. *Enxuga as Lágrimas e Segue o Caminho que te Determinaste*. São Paulo: edição de autor.

### Estudos

- Blajberg, Israel. 2015. *Herança Espiritual Judaica: Brasilidades*. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil.
- Heller, Reginaldo Jonas. 2005. “Os Judeus do Eldorado.” In *Os Judeus no Brasil – Inquisição, Imigração e Identidade*, org. Keila Grinberg, 217-234. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Igel, Regina. 1997. *Imigrantes Judeus – Escritores Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva.
- Lima, Deborah de Magalhães. 1999. “A Construção Histórica do Termo Caboclo – Sobre Estruturas e Representações Sociais no Meio Rural Amazônico.” *Novos Cadernos NAEA* 2 (2):5-32. Doi: <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v2i2.107>.
- Oliveira, Adélia Engrácia de. 1979. “A Decadência do Aviamento num Povoado da Amazônia: Notas Preliminares.” *Anuário Antropológico* 4:131-147. URL: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1979/anuario79\\_adeliaoliveira.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1979/anuario79_adeliaoliveira.pdf) [Acesso: 23.04.2020.]
- Paiva, Paula Gama de. 2010. “A Amazônia Hebraica: Representações Sociais e Identidade Judaica em Manaus.” In *Judaísmo e Globalização: Espaços e Temporalidades*, org. Helena Lewin. Vol. 1, 76-87. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Silva, Alessandra Fabrícia Conde da. 2019. “Iconografia do Judeu na Amazônia.” *Hispanista* 20 (78). URL: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/627.pdf> [Acesso: 23.04.2020.]
- Veltman, Henrique. 2005. “Os Hebraicos da Amazônia.” Texto não publicado. Ficheiro PDF. URL: <http://www.veltman.qn.com>. [Acesso: 10.08.2009.] Atualmente disponível em: [https://web.archive.org/web/20060901034320fw\\_/http://www.hbv.lumic.com/Os\\_Hebraicos\\_da\\_Amazonia.pdf](https://web.archive.org/web/20060901034320fw_/http://www.hbv.lumic.com/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf). [Acesso: 23.04.2020.]